

Sítio Hatahara: estruturas funerárias, residenciais ou ambas?

Eduardo Kazuo Tamanaha[†]
Anne Rapp Py-Daniel^{**}

TAMANAH, E.K.; PY-DANIEL, A. Sítio Hatahara: estruturas funerárias, residenciais ou ambas? *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 63-73, 2009.

Resumo: Nesse artigo apresentamos dois estudos sobre montículos e sepultamentos encontrados no Sítio Hatahara, Amazônia Central, no Estado do Amazonas, Brasil, sendo a problemática principal compreender a relação entre a formação dos montículos e os vários sepultamentos nele encontrados. A maior parte dos sepultamentos e montículos conhecidos na região de estudo pertencem à fase Paredão (entre os séculos VII a XII D.C). Com a análise das cerâmicas do montículo II percebeu-se que estas foram utilizadas como material de construção e que sua seleção se fez em função do tamanho e não da decoração (fato atestado no montículo I por Machado, 2005). A presença de sepultamentos diferentes da mesma fase, antes e após a construção do montículo I, indica ocupações longas com rituais variados (Rapp Py-Daniel 2007). Cruzando dados provenientes das análises cerâmicas e dos sepultamentos com as datações, percebemos o quanto a variedade pode ser importante dentro de uma única fase arqueológica.

Palavras-chave: Montículo – Sepultamento – Amazônia Central.

Introdução

Nesse texto serão apresentados alguns dados obtidos a partir de dois estudos. O primeiro, realizado durante o período de um ano entre 2005 e 2006, é o projeto de iniciação científica “*Estudo de uma Estrutura Artificial no Sítio Hatahara, rio Solimões, Estado do Amazonas*” realizado por Tamanaha (2006). O segundo estudo, ainda em andamento, é o projeto de mestrado “Arqueologia da Morte na Fase Paredão”, de Anne Rapp Py-Daniel. Ambos fazem parte de um projeto maior denominado Projeto Amazônia Central (PAC), coordenado por Eduardo Góes Neves (2001, 2003, 2007).

O projeto de iniciação científica teve como objetivo colaborar com o entendimento do processo de formação de uma estrutura artificial, denominada montículo, no Sítio Hatahara, enquanto o projeto de mestrado visa a entender os padrões de sepultamentos encontrados nesse mesmo sítio e como estes estão relacionados ao montículo. A problemática principal desse texto é a junção desses dois estudos e obter uma compreensão mais clara sobre a relação entre a formação dos montículos e os sepultamentos no Sítio Hatahara.

O sítio

O Sítio Hatahara (Am-13) está localizado na margem esquerda do Rio Solimões (Fig. 1) em um terraço adjacente, próximo a uma área de várzea e de terra firme. A área se estende no interior de uma fazenda abrangendo áreas de pasto, cultivo de banana, mandioca e mangueiras. Foi descoberto em 1997 e sofreu intervenções em

([†]) Aluno de Iniciação Científica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP.
(^{**}) Mestranda do Programa de Pós-graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Bolsista FAPESP

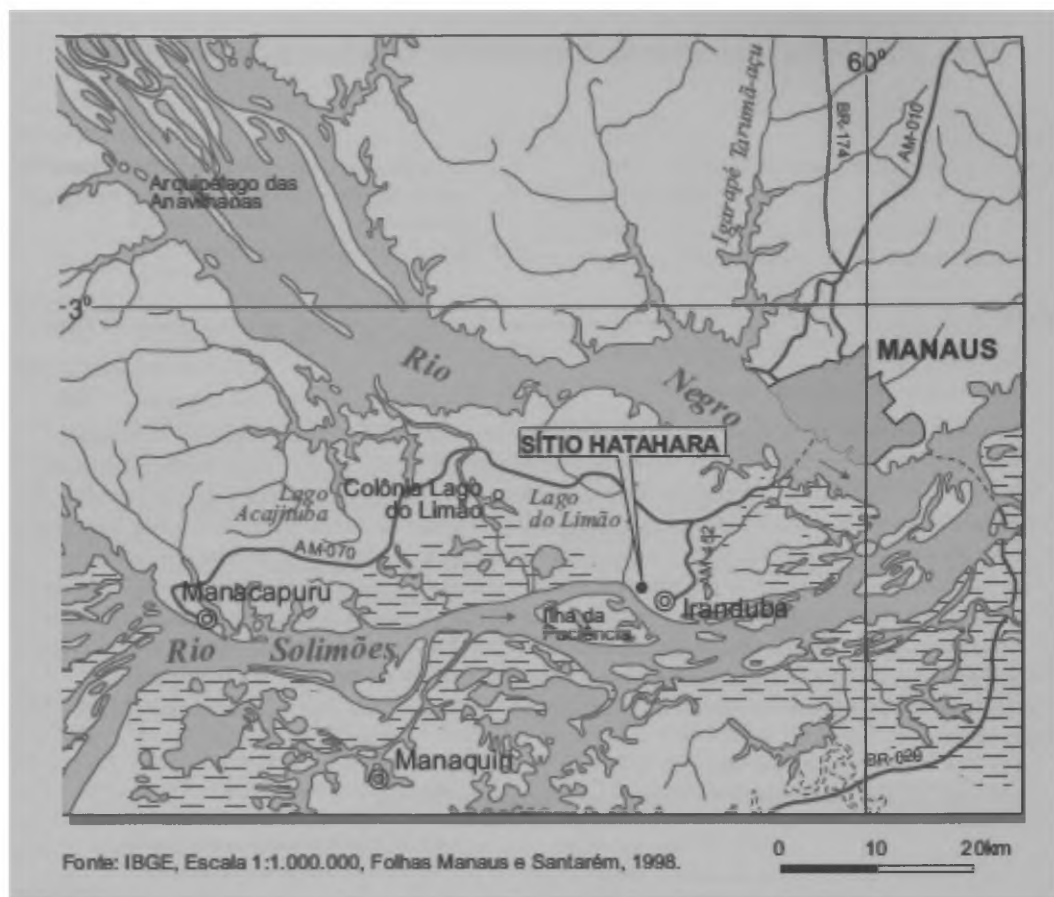


Fig. 1. Localização do Sítio Hatahara. Fonte IBGE.

1999, 2001, 2002 e 2006. Esse sítio foi privilegiado pelo PAC devido ao seu grande potencial arqueológico (Machado, 2005): a localização geográfica em um platô, que não sofre inundações no período de chuvas, próximo a um grande curso de rio, com uma grande quantidade de Terra Preta Antropogênica (TPA) associada a uma alta densidade de material cerâmico e evidências posteriores de sepultamentos diretos e em urnas.

Levantamentos topográficos feitos em 1999, 2001 e 2002, indicam que o sítio tem 16 ha de área e poderia estar relacionado a outros sítios da região ainda não estudados. Para delimitação do sítio e verificação da espessura da camada arqueológica, foram realizadas intervenções subsuperficiais, em 1999 e 2002, 10 “transects” em extensões variando de 100 metros a 300 metros. Nestas linhas, foram realizadas de três a seis tradagens, com espaçamento de 50 m, obtendo uma profundidade média de 100 cm,

normalmente acompanhada de terra preta até a base nos montículos, mas variando entre 20 cm e 60 cm no resto do sítio (Machado 2005; Neves 2003). Durante seu mapeamento, observaram-se estruturas que se destacavam na paisagem e, após estudos preliminares (Machado 2002; 2005; Neves 2003), atestou-se que eram estruturas artificiais. Já foram localizados, até o momento, 14 dessas estruturas.

Essas estruturas são elevações de terra constituídas basicamente de terra preta antropogênica e material cerâmico fragmentado, sendo às vezes associadas a sepultamentos humanos e vestígios faunísticos, porém, seu processo de formação ainda não está bem definido. Dois desses morrotes artificiais, chamados aqui de montículo I (M.I) e montículo II (M.II), já sofreram intervenções. A proposta do projeto de iniciação científica foi entender, por meio da análise quantitativa e tecnoestilística

das cerâmicas que compõem o M.II, as camadas subjacentes e sobrepostas, a cronologia dos estratos e a relação com os outros montículos escavados no sítio (Tamanaha 2006). Por meio desse estudo foi possível testar o modelo já proposto para uma estrutura semelhante do mesmo sítio (Machado 2005) e fornecer mais dados para as ocupações dos grupos ceramistas da região associados à fase Paredão.

O M.I, localizado na parte mais central do sítio, sofreu maiores intervenções de 1999 até 2006, possuindo em torno de 21m² de área escavada, chegando a uma profundidade variada entre 160 cm a 250 cm. Possui alta densidade de material cerâmico e faunístico, além de apresentar sepultamentos primários, secundários, estruturas de combustão e dezenas de feições. O M.II, no extremo leste, foi escavado durante uma etapa de campo em 2001, sendo abertas três unidades adjacentes de escavação, no topo do montículo, de 1m² cada. Porém, até o momento, não foi diagnosticado a presença de sepultamentos nesse morrote artificial. A escolha dos montículos I e II para escavação deve-se ao tamanho, densidade e profundidade da camada arqueológica. O M.I é o único montículo conhecido com sepultamentos em toda a região.

Ocupações do Sítio Hatahara

Os dados que foram obtidos desde 1999 nos permitem classificar o Sítio Hatahara como um *sítio multicomponencial*, marcado por uma sequência de quatro fases distintas, duas delas associadas de alguma forma à terra preta antropogênica (Machado 2005; Neves 2007). Até o momento foram identificados: a primeira ocupação relacionada à cerâmica da fase Açutuba, sem relações à terra preta, por volta de 2250 e 1590 AP (Lima et AL. 2006); uma ocupação posterior relacionada à cerâmica da fase Manacapuru, cuja associação à terra preta não é clara, datada por volta de 1300 e 1400 AP (Hilbert 1968; Neves 2003); uma ocupação relacionada à cerâmica da fase Paredão, associada à terra preta e à construção dos montículos, datada aproximadamente entre 930 e 1200 AP (Hilbert 1968; Neves 2003; Moraes 2006); uma ocupação mais recente, relacionada à fase Guarita e à presença de terra preta, datada entre 500 e 1000 AP (Hilbert 1968; Neves 2003).

Com essas definições e distinções dos complexos cerâmicos foi possível mapear, por meio da análise do material (Fig. 2) e da estratigrafia das tradagens, a região central como local de intensas reocupações, onde foram encontradas



Fig. 2. Material cerâmico oriundo do Sítio Hatahara, tipos de Cuias. Foto: E. Tamanaha.

cerâmicas pertencentes às fases Manacapuru, Paredão e Guarita (Machado 2005; Neves 2003). Por outro lado, a porção centro-leste, onde se localiza o M. II, é caracterizada por maior presença da cerâmica Paredão, e a zona norte e oeste do sítio estão mais associadas à cerâmica Manacapuru (Rebellato 2007).

Os montículos

M.I.

Como foi dito anteriormente, o M.I sofreu diversas intervenções e, em 2002, possuía uma trincheira de 9m de comprimento por 1m de largura, chegando, em alguns pontos, a prover material cerâmico a 250 cm de profundidade. O perfil estratigráfico dessas unidades (Fig. 3) escavadas pode ser dividido em cinco camadas.

A camada I consiste no latossolo amarelo e é arqueologicamente estéril, motivo pelo qual foi parcialmente escavada. A camada II, que vai de

aproximadamente 230 a 180 cm de profundidade, é caracterizada pela mistura de terra preta antropogênica e latossolo amarelo, possuindo poucos fragmentos cerâmicos relacionados à fase Manacapuru (Meggers 1961; Hilbert 1968; Neves 2003). Na camada III, que se encontra entre os níveis 180-110cm de profundidade, há uma presença média de cerâmica associada à fase Paredão (Meggers 1961; Hilbert 1968; Neves 2003), com feições compostas por abundantes restos de fauna e carvão. Nessa camada encontram-se vários sepultamentos humanos. Na camada IV, que está entre os níveis 110 cm e 50 cm, encontramos uma grande quantidade de fragmentos dispostos na posição horizontal em três subcamadas paralelas (IVa, IVb e IVc), que constituem o montículo artificial. Nessa camada encontramos materiais cerâmicos e mais sepultamentos da fase Paredão e, mais próximo à superfície, Guarita. Por fim, na camada V, que vai dos 50 cm até a superfície, ocorre um pacote de terra preta antropogênica com fragmentos cerâmicos associados à fase Guarita,

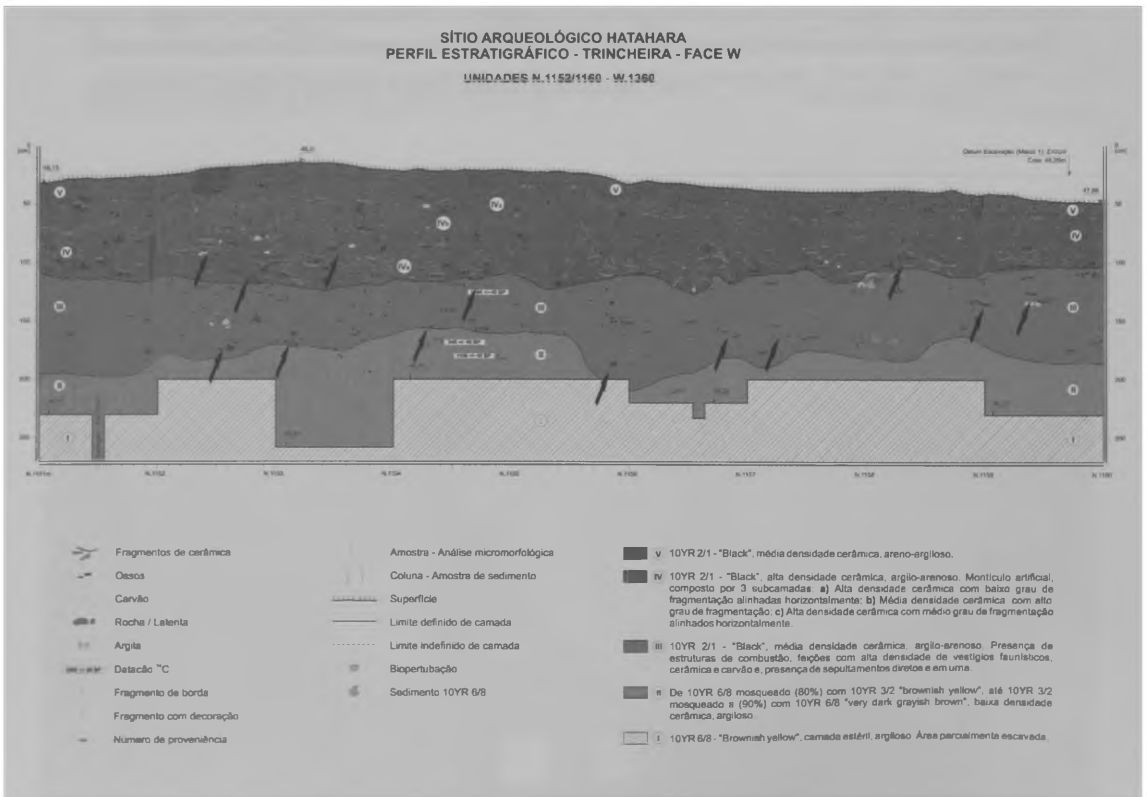


Fig. 3. Camadas do Montículo I. A quantidade de concentrações de material ósseo (flechas) atesta a grande quantidade de sepultamentos e como estes estão perturbados. Fonte: PAC.

majoritariamente, e à fase Paredão, possuindo poucos vestígios da fase Manacapuru (Neves 2003; Machado 2005).

M.II

No perfil estratigráfico do M. II, a profundidade de material arqueológico chega até aos 250 cm e podemos também dividi-lo em 5 camadas distintas (Neves 2003; Machado 2005). A camada I corresponde ao latossolo amarelo arqueologicamente estéril, característico dos solos dessa região. Acima desse nível, na camada II, o solo se encontra estéril sem presença de cerâmica, porém com vestígios de terra preta antropogênica. Nos níveis 230 – 130 cm (camada III) há um significativo aumento na quantidade de fragmentos cerâmicos associados, em menor escala, à fase Manacapuru e à fase Paredão. Porém a quantidade de carvão e fauna aumenta com relação à camada superior e, possivelmente, podem estar ligados a uma fogueira. As duas subcamadas seguintes (IVA e IVB), correspondem à estrutura do montículo. Nesses níveis encontramos maior quantidade de material cerâmico associado à fase Paredão, carvão e vestígios de fauna, em sua maioria de animais aquáticos, sendo alguns desses identificados como ossos de Pirarucu (*Arapaima gigas*), peixe até hoje muito apreciado na região (Farias 2006). No nível mais superficial (camada V) encontra-se muito carvão e pouca presença de cerâmica associada à fase Paredão, em comparação com as camadas correspondentes ao montículo (Tamanaha 2006). Cerâmica da fase Guarita não foi atestada nesse montículo.

Os sepultamentos

No M.I, decidiu-se dar ênfase à exumação dos sepultamentos no ano de 2006. Ao término das escavações de 2001 e 2002, vários ossos ficaram expostos no perfil leste, daí a suposição de que haveria mais sepultamentos no montículo. Parte do objetivo era entender como estes estavam relacionados com o montículo e entre eles mesmos, além de ver quais seriam os padrões de enterramento evidentes, que por sua vez poderiam estar ligados a fases arqueológicas específicas. Até o ano de 2002, 13 sepultamentos foram encontrados (Neves 2003; Machado 2005), alguns em bom estado de conservação.

Em 2006, quando se aumentou o tamanho das escavações, foram encontrados mais 12 sepultamentos (Neves 2007).

A Amazônia é conhecida pelos seus solos ácidos onde pouca matéria orgânica se conserva através do tempo. Nesta região, encontrar material ósseo em bom estado de conservação é raríssimo. Todos os sepultamentos encontrados apresentam em geral um estado de conservação “médio”. Os sepultamentos primários estão bem conservados para os padrões amazônicos, mesmos os ossos com pouca densidade estão presentes, como o corpo vertebral das vértebras cervicais. Ossos pequenos, que em geral são mais susceptíveis as ações tafonômicas, também estão preservados, um bom exemplo são as falanges distais das mãos e os ossos sesamoides.

Após as análises do material encontrado, verificou-se que o nível de perturbação dos sepultamentos é muito grande, pois várias partes de esqueleto foram encontrados em conexão estrita ou quase estrita com boa conservação, mas o resto do esqueleto faltava (ex: Seps. XX e XXI). Além disso, foram observadas perturbações nos sepultamentos que estão no local de deposição, por exemplo, a fratura do crânio do sepultamento XIX (Fig. 4) ou o deslocamento das falanges do sepultamento XX. Vários crânios foram encontrados em 2006 e nos anos precedentes isolados. É possível que estes fizessem parte de sepultamentos maiores e inteiros, mas devido à construção do montículo foram separados do resto (Neves 2007).

O nível de perturbação dos sepultamentos e das camadas arqueológicas como um todo é mais um índice de uma ocupação longa, contínua ou não. As datações realizadas nos sepultamentos encontrados em 2001 e 1999, assim como o material encontrado associado aos sepultamentos esse ano e o material encontrado nas camadas arqueológicas, indicam que estes sepultamentos pertencem à fase Paredão (Rapp Py-Daniel 2007; Neves 2007).

Vários sepultamentos encontrados em 2006 estavam na camada IVA, enquanto quase todos os encontrados nas outras escavações estavam na camada III. O sepultamento VII, sendo uma das exceções, foi encontrado na camada IVA em 2001 para o qual acreditou-se na época estar perturbado e ter servido como material de construção para o montículo (Machado 2005). Entretanto, a análise em andamento não parece confirmar essa hipótese,



Fig. 4. Sepultamento XIX, crânio esmagado após decomposição das partes moles. Foto V. Moraes.

pois parte do sepultamento VII estava em conexão estrita (maxilar e mandíbula). Mas perturbações devido à construção do M.I parecem ter acontecido com os sepultamentos XV, XVI e XVIII (Fig. 5), que na verdade são depósitos secundários. Estes sepultamentos/depósitos são compostos de crânios e, ou, pequenos fragmentos de ossos longos em geral. Entretanto, sepultamentos como o XIV (Fig. 5) ou o XXV não aparentam estar muito perturbados e realmente pertencem à camada IVA (Rapp Py-Daniel 2007; Neves 2007).

Não existem evidências de que os sepultamentos tenham sido enterrados ao mesmo tempo, eles parecem estar espalhados pelo M.I. Também não se encontrou uma organização horizontal explícita. Quanto aos sepultamentos múltiplos não se sabe se as mortes ocorreram ao mesmo tempo ou não, pois eles também são secundários e sofreram pelo menos uma etapa de decomposição alhures.

Interpretação dos montículos

Ambos os montículos possuem alguns aspectos semelhantes e isso pôde ser averiguado por meio de uma análise estratigráfica e do material cerâmico. Tanto no M.I como no M.II observou-se que a disposição do material

cerâmico está organizada de forma horizontal (Fig. 6), tendo pequenas variações nas camadas próximas à superfície, formando uma espécie de “piso” sendo possível identificar dois momentos diferentes na sua construção (Machado 2005). Os dados quantitativos, quando comparados, mostram que o M.I possui uma maior quantidade de material que o M.II, mas isso é devido à localização, visto que o M.I se encontra dentro da área central do sítio, que, como já foi citado, foi onde ocorreram intensas reocupações (Machado 2005; Tamanaha 2006).

O material cerâmico é um elemento construtivo e sua presença parece estar vinculada ao tamanho do fragmento e não à sua decoração. Por essa razão, nos níveis correspondentes à estrutura do montículo (camada IV), encontramos maior quantidade de fragmentos com maior peso, ou seja, nas camadas anteriores e posteriores à construção do montículo, temos um alto grau de fragmentação dos elementos cerâmicos e em sua maioria estão associados a paredes sem decoração (Machado 2005; Tamanaha 2006). Com esses dados, conclui-se que houve um critério de seleção do material cerâmico durante o processo de formação do morrote artificial.

Assim como no M.I (Machado 2002, 2005), o M.II apresentou uma alta densidade de material cerâmico (Fig. 7), organizada em duas camadas, uma situada entre os níveis 60-90 cm e a outra

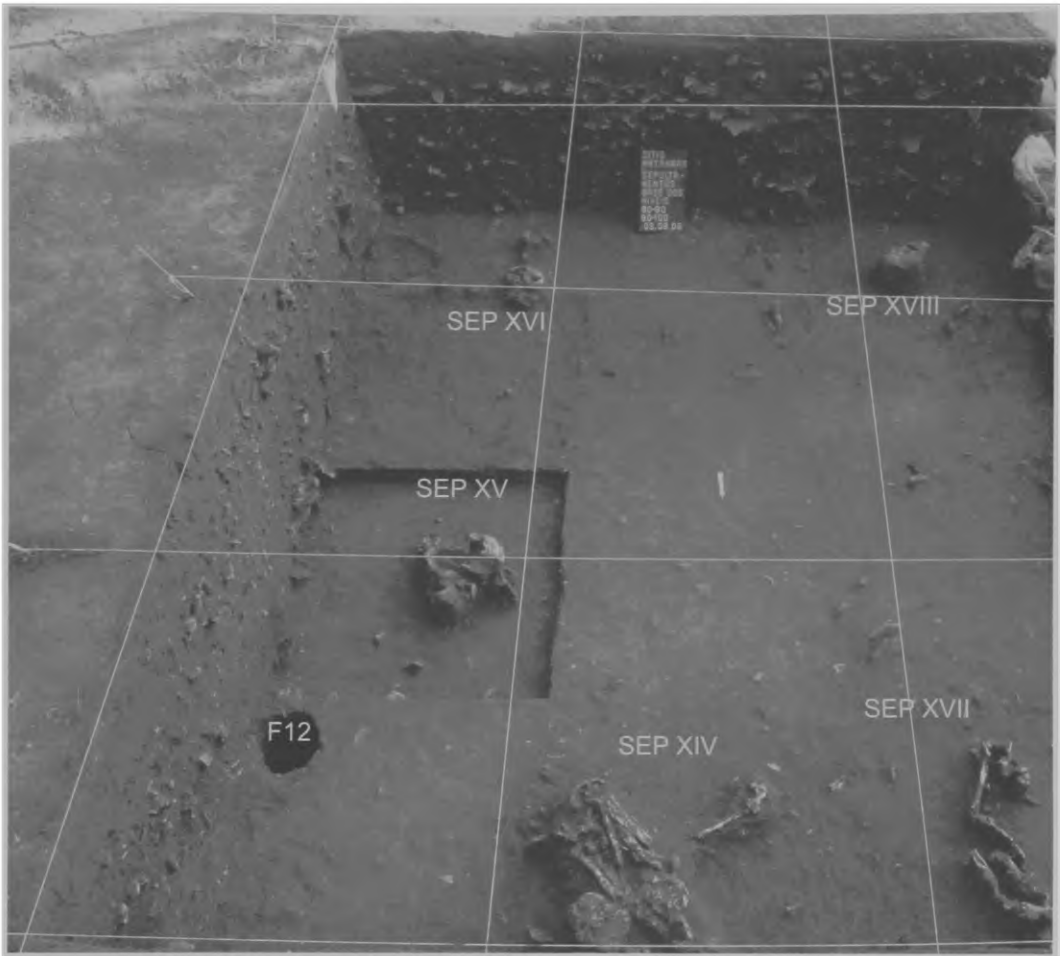


Fig. 5. Disposição dos sepultamentos XIV, XV, XVI, XVII e XVIII entre os níveis 70cm e 100cm. Foto: V. Moraes.

entre 20-50 cm de profundidade. Abaixo do que seria a base do montículo (110-120 cm de profundidade), foram encontrados níveis relacionados à ocupação da fase Manacapuru (Hilbert 1968). Essa mesma cerâmica é observada em menor escala nas camadas superiores, mas isso é o resultado do processo de construção do montículo com a retirada de solo de outro local, trazendo consigo a cerâmica Manacapuru.

No caso do M.I temos a fase Guarita como ocupação mais recente, a fase Açutuba como mais antiga, seguida da fase Manacapuru, e a fase Paredão como elemento construtivo da estrutura. Porém, através da análise tecnoestilística das cerâmicas do M.II, notificou-se que nos níveis mais superficiais do montículo a ocupação mais recente não está relacionada à fase Guarita, mas sim à fase Paredão. No caso da ocupação

intermediária, associada à cerâmica Paredão, comprovou-se que o mesmo tipo de elemento foi utilizado como material construtivo do montículo, sendo essa característica observada tanto no M.I como no M.II. Essa conclusão deve-se ao fato do material cerâmico pertencente às fases Guarita e Paredão poderem ser distinguidos através das características na pasta, tipo de queima, coloração da argila, decorações e o tipo de antiplástico.

Outros exemplos de construção de montículos na fase Paredão encontram-se no sítio Pilão (Am-Ir-73), localizado próximo ao Lago do Limão e escavado de janeiro a março de 2006 (Moraes 2006). No local foram identificados sete montículos formando um conjunto circular e o material construtivo está associado à cerâmica Paredão. Porém, estes demonstraram baixa presença de fragmentos cerâmicos, se



Fig. 6. Disposição do material na horizontal.
Foto: PAC.

comparados aos M.I e M.II, e uma profundidade de até 60 cm com Terra Preta Antropogênica. (Moraes 2006). O mesmo caso se apresenta no Sítio Lagunho, localizado na margem do Lago de Iranduba, que ainda está em processo de escavação, mas já é possível identificar uma estrutura contínua, semicircular, com terra preta e cerâmica associada à fase Paredão como material construtivo (Neves 2007).

Hipóteses para a relação entre os sepultamentos e o montículo I

A partir dos dados recolhidos em campo em 2006 estamos trabalhando com várias hipóteses que serão testadas no mestrado de Rapp Py-Daniel (2007).

1 – Os sepultamentos estariam ligados ao montículo, mas esse pode ou não ter sido construído com o intuito de ser uma estrutura funerária. A mesma geração ou gerações próximas de uma mesma população teriam construído o montículo e continuado a enterrar seus mortos nele. Eles se lembrariam onde eram enterrados os sepultamentos antigos, mas por falta de marcador externo ou por decomposição desse último perturbaram os sepultamentos antigos no momento da construção.

2 – O montículo pode ter sido construído como piso de habitação e os sepultamentos corresponderiam aos indivíduos da “família” que morreram no decorrer do tempo. A construção do montículo teria-se dado em local já habitado e, que por uma razão ainda desconhecida, teriam decidido “reformatar” o seu local de moradia. Os sepultamentos mais antigos teriam sido perturbados durante esse processo de construção.

3 – Outra possibilidade seria a chegada de um novo grupo, mas também pertencentes à fase Paredão, que para se “apossar” das novas terras teria construído montículos em cima dos locais que já eram habitados. Assim, eles teriam

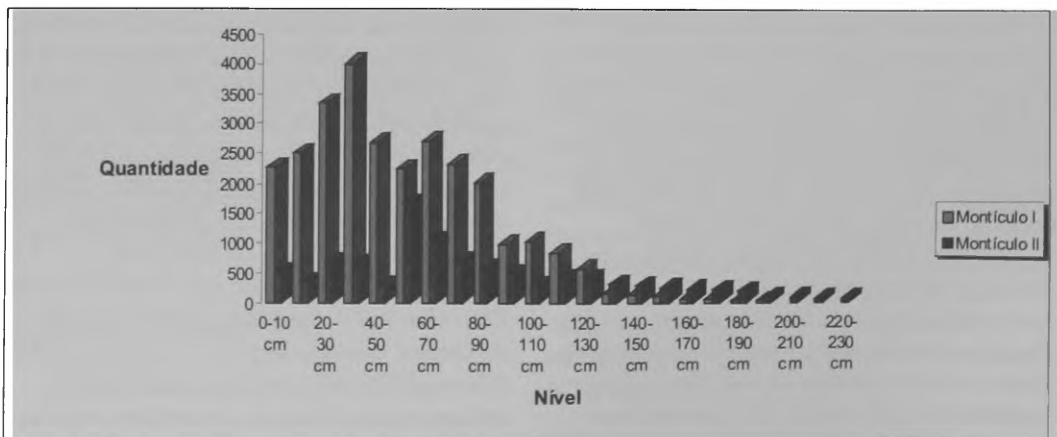


Fig. 7. Comparação quantitativa por nível estratigráfico entre o M.I e M.II (Tamanaha, 2006).

perturbado os sepultamentos mais antigos durante a construção dos montículos, com o costume comum de enterrar seus mortos sob suas casas ou em locais comunais.

Infelizmente não se conhecem outros montículos na região onde foram encontrados sepultamentos. Será isso devido a uma conservação diferenciada? Isso parece pouco provável, mas não impossível. Seria o M.I um local sagrado, tipo um cemitério? Não há relatos arqueológicos que sustentem essa hipótese até o presente. Seria o M.I um acaso? Não podemos responder com certeza. Se o M.I tiver funcionado como local de residência e cemitério (como era o costume de alguns grupos indígenas, ver grupos no Alto Rio Negro (Silva 1977), por que não encontramos outros montículos com vestígios humanos associados? Até o presente momento, a quase totalidade dos montículos Paredão conhecidos parecem estar relacionada a locais de habitação dentro de aldeias circulares (Moraes 2006). Isto dificulta a nossa interpretação, visto que, compreender padrões em um caso único não é simples.

Cronologia das camadas estratigráficas

Para obter mais dados a respeito do período em que os montículos foram construídos, foram realizadas três datações radiocarbônicas através de amostras de solo do M.II, cuja proveniência é mostrada na figura abaixo (Fig. 8). A amostra referente à camada III (165 cm), correspondente a uma ocupação anterior à construção do montículo, apresentou uma data de 1191 ± 40 AP. As outras duas amostras foram retiradas das camadas IVA (105 cm) e IVB (65 cm), obtendo datas de 1105 ± 37 AP e 2269 ± 42 AP, respectivamente (Neves 2003; Machado 2005; Tamanaha 2006).

A inversão nas datas pode estar relacionada ao processo de construção do montículo, já que a terra preta antropogênica utilizada na construção (camadas IVA e IVB) foi retirada de outro local. Desse modo, as datas relacionadas podem revelar fatos mais antigos, o que dificulta obter dados cronológicos para a formação da estrutura. O mesmo problema foi verificado no M.I, onde se obteve datas seguras somente para os períodos anteriores e posteriores (Machado 2005).

Se compararmos as datas obtidas nas camadas III, das unidades escavadas no M.I e M.II, referentes ambas às ocupações anteriores à

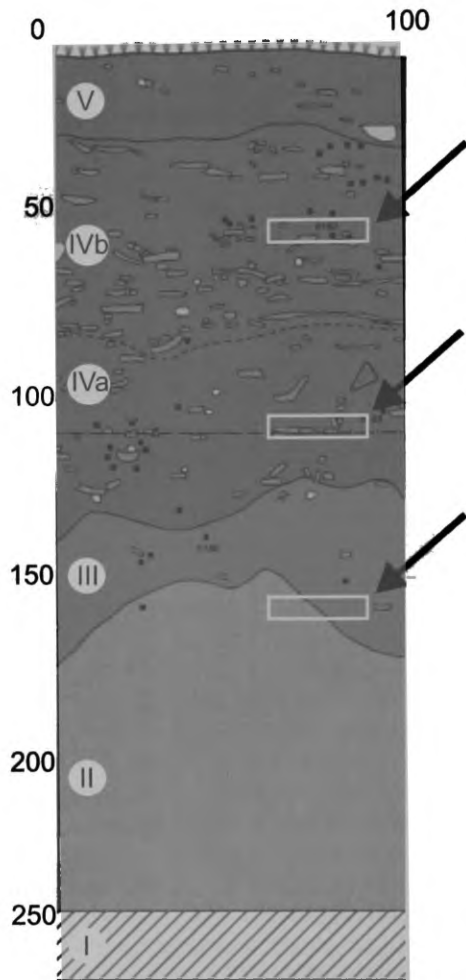


Fig. 8. Local das amostras de solo para datação.
Fonte PAC.

construção das estruturas, podemos concluir que são contemporâneas, uma vez que datam entre os anos 1000 e 1100 AP. A camada III de ambos os montículos está associada à ocupação Paredão no sítio. Assim, parece cada vez mais claro que tal ocupação foi responsável pela formação dos depósitos de terra preta distribuídos ao longo do sítio, um padrão verificado também no Sítio Lago Grande (Donatti 2002; Tamura 2006).

Mesmo tendo problemas com as datações, trabalhamos com a hipótese de que os montículos e os sepultamentos estão associados à fase Paredão, mas necessitamos de mais datações para ter certeza. A relação dos montículos com a fase Paredão parece provável porque:

– não há muita cerâmica Guarita na camada de construção do M. I (Machado 2005) e, no M. II, não há presença desta em nenhuma camada estratigráfica; os sepultamentos que parecem ser Paredão estão localizados na camada correspondente à estrutura do montículo e abaixo dela.

Em contrapartida, existe pelo menos um sepultamento múltiplo em urna que não deve pertencer a essa ocupação, pois as datas apontam para 1620-1540 AP e 1430-1350 AP, provavelmente associado à fase Manacapuru ou Açutuba, mas dúvidas subsistem, pois Machado (2005), aponta similaridades entre essa urna e outras urnas da fase Guarita. As datações feitas para o sepultamento II dão os seguintes intervalos: 1430-1350DC e 1170-970DC (Machado 2005), que já correspondem à fase Paredão. Precisamos agora datar mais sepultamentos que foram encontrados dentro do montículo para entender se existe um *continuum* ou não entre os sepultamentos Paredão.

Com esses dados podemos propor que o sítio teria sido ocupado por uma população numerosa, entre 1100 AP a 1000 AP, o suficiente para a formação da terra preta antropogênica e o acúmulo de material cerâmico. Esse período corresponderia a um momento de mudanças em padrões de assentamento (construção de montículos residenciais) como de continuação (mesmo local mantido para os sepultamentos). Mas para testar tais hipóteses serão necessárias análises de outros sítios.

Conclusão

O processo construtivo dos montículos pode ter se dado por meio de uma série de atividades dinâmicas de construção e manutenção. Com base nas datações obtidas no M.II, foi indicado um intervalo relativamente curto de tempo para a sua construção e contemporâneo ao M.I. Com a análise cerâmica comprovou-se a utilização do mesmo material construtivo, que por sua vez está relacionado à fase Paredão, mesmo com diferenças na quantidade e na distribuição espacial dos fragmentos.

Com relação às ocupações, através das tradagens e análise cerâmica, a fase Guarita está ausente na porção leste do sítio, onde se localiza o M.II, se concentrando na região central, juntamente às fases Paredão e Manacapuru. Isso explica a maior diversidade cerâmica no M.I se compararmos ao M.II. A fase Açutuba ainda não está bem delimitada dentro do sítio.

O estudo a respeito da formação dos montículos foi fundamental para entender os processos da ocupação, densidade e cronologia do Sítio Hatahara, além de somar com os dados obtidos em outros estudos dentro do Projeto Amazônia Central. Isso nos possibilitou melhor compreensão dos grupos ceramistas e dos montículos artificiais.

A etapa de campo de 2006 foi extremamente proveitosa, pois além de confirmar hipóteses feitas no passado (Neves 2003; Machado 2005), como a existência de um segundo piso de construção ou a grande variedade de formas de sepultamentos, ela nos permitiu avaliar de maneira mais precisa os sepultamentos em si, assim como suas distribuições espaciais e como estes estão relacionados com o M.I, criando assim um quadro mais amplo e complexo de relação entre os sepultamentos e o M.I.

Outro fato muito interessante é que parece confirmado que os sepultamentos pertencem à fase Paredão, que por sua vez era mais conhecida pelas suas grandes urnas funerárias, muito comuns no município de Manaus. Assim, pudemos verificar a grande variabilidade nos padrões de sepultamentos (diretos, indiretos, simples e múltiplos) e de ocupação, dentro de uma única fase.

Agradecimentos

Agradecemos ao professor Eduardo Góes Neves por nos ter permitido participar do PAC e, por todos seus ensinamentos, vitais para nossas formações; à Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo auxílio financeiro concedido a ambos autores. À comissão organizadora da I Semana de Arqueologia, nosso “Obrigado”.

TAMANAHA, E.K; PY-DANIEL, A. Moundbuilders in Hatahara site, Solimões river, amazon state. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 8: 63-73, 2009.

Abstract: In this article we present two studies on mounds and burials found in the Hatahara Site, Central Amazon, Amazonas State, Brazil. Our main goal was to try to understand mound formation and the different types of graves in them. Most of the burials and mounds known in the research area belong to the Paredão Phase (VII to XIIth Century A.D.). By analyzing the ceramic material from mound II, it was noticed that they were chosen by their size and not by decorations because they were used as construction material (Machado 2005 had already attested that in mound I). The presence of different kinds of burials belonging to the same phase, before and after the mounds construction, indicates long occupations with varied rituals (Rapp Py-Daniel 2007). Crossing data from the ceramic analysis, dates, and burial analysis, we have noticed how much variability can exist inside one archaeological phase.

Keywords: Mound – Burial – Central Amazon.

Referências bibliográficas

- DONATTI, B.B.
2002 *Levantamento dos Sítios Arqueológicos Localizados nas Margens Norte do Lago Grande. Estudo do Sítio Lago Grande*. Dissertação de Mestrado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- FARIAS, S. P.
2006 *Análise dos Vestígios Faunísticos do Sítio Hatahara, Amazonas*. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à FAPESP.
- HILBERT, P.
1968 *Archäologische Untersuchungen Am Mittlern Amazonas*, Berlin: Dietrich Reimer Verlag.
- LIMA, H. P.; NEVES, E. G.; PETERSEN, J. B.
2006 A Fase Açutuba: Um Novo Complexo Cerâmico na Amazônia Central. *Arqueologia Suramericana*. Popayan - Colômbia, 1(2): 26-52.
- MACHADO, J. S.
2002 *Estudo de uma Estrutura Funerária Presente no Sítio Hatahara, Estado do Amazonas*. Relatório Final de Iniciação Científica apresentado à FAPESP.
2005 *Montículos Artificiais na Amazônia Central: Um Estudo de Caso do Sítio Hatahara*. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- MEGGERS, B. J., EVANS, C.
1961 An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In Lothrop S. K., org., *Essays in Pre-Colombian art and archaeology*., Harvard, University Press, Cambridge, 372-388.
- MORAES, C. P.
2006 *Arqueologia na Amazônia Central Vista de Uma perspectiva da Região do Lago do Limão*. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- NEVES, E. G.
2001 *Relatório de Atividades*. Relatório Científico apresentado à FAPESP.
2003 *Relatório de Atividades*. Relatório Científico apresentado à FAPESP.
2007 *Relatório de Atividades*. Relatório Científico apresentado à FAPESP.
- RAPP PY-DANIEL, A.
2007 *Arqueologia da Morte na Fase Paredão*. Projeto de Pesquisa apresentado à FAPESP.
- REBELLATO, L.
2007 *Interpretando a Variabilidade Cerâmica e as Assinaturas Químicas e Físicas do Solo no Sítio Arqueológico Hatahara*. Relatório de Qualificação apresentado ao Programa de Mestrado em Arqueologia, Universidade de São Paulo.
- SILVA, A. B. A.
1977 *A Civilização Indígena do Uaupés*. Roma, Itália, Congregação Salesiana.
- TAMANAHA, E. K.
2006 *Estudo de uma Estrutura Artificial no Sítio Hatahara, rio Solimões, Estado do Amazonas*". Relatório final de iniciação científica apresentado a FAPESP.
- TAMURA, A. T. A.
2005 *A Ocupação Pré-Colonial do Sítio Arqueológico Lago Grande*. Relatório final de Iniciação Científica apresentado à FAPESP.

Recebido para publicação em setembro de 2007.